

Dossiê Antropologia e Imagem: produções visuais na cidade**Apresentação****Ana Carolina Amorim da Paz**Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Universidade Federal da Bahia (PPGA/UFBA)**Deyse de Fátima do Amarante Brandão**Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGA/UFRN)**O fazer antropológico, a produção visual e as experiências da cidade**

O(A) antropólogo(a), na figura de narrador(a), concebe a etnografia como produção de sentido de uma vida compartilhada pela magia da linguagem, em que múltiplas experiências ocorrem e lançam, no tempo, as marcas que estetizam as formas de interagir no espaço social.
(Anna Luíza Carvalho da Rocha)

É notório que os usos da imagem consumida e produzida no mundo contemporâneo vêm ganhando cada vez mais espaço em nossos cotidianos. As imagens, sejam elas provenientes das técnicas da “era da reprodutibilidade” (cf. BENJAMIN, 1985) ou da era digital e globalizada, estão a todo momento jogando com suas polissemias, em cadeias de significados cambiantes. Os avanços tecnológicos ao longo dos anos certamente facilitaram o acesso e difusão do uso social das imagens, não só barateando os custos para aquisição de equipamentos e insumos de produção, mas também ampliando

os meios de divulgação/exposição, fornecendo uma diversidade de equipamentos de qualidade resolutiva e programas de edição, facilitando a mobilidade e outros recursos de suporte imagético. Por outro lado, as formas artesanais de produção visual ganham cada vez mais força e destaque como forma expressiva, artística, política e de visibilidade na cidade. Graffiti, “pixo”, lambe-lambe, publicidades, palavras de ordem inscritas em muros, desenhos e grafias de protestos e gentilezas... As imagens contemporâneas germinam em meio citadino tornando-se protagonistas do cenário visual metropolitano (CAMPOS; BRIGHENTI; SPINELLI, 2011). Carmem Rial (1995) aponta que as imagens seriam um dos modos de se tentar apreender a própria contemporaneidade em seus vários aspectos – econômicos, históricos, políticos e culturais –, destacando que quando pensamos nestes aspectos culturais, logo vem à mente as imagens que são transmitidas para o mundo (em programas de televisão, cinema, publicidades, fotos, vídeos digitais compartilhados via internet). Com a multiplicação de aparatos técnicos, desde o surgimento da fotografia e do cinema, e, mais tarde, da publicidade (cartazes, ilustrações...), desenrola-se uma transformação não só sobre a ontologia da imagem (CAMPOS, 2013), mas da nossa própria experimentação sensorial e visual do mundo que habitamos.

Assim, as imagens, esses artefatos produzidos pelo homem, “visando à representação visual de algo” (CAMPOS; BRIGHENTI; SPINELLI, 2011, p. 02), a partir de suas próprias convenções culturais, sem dúvidas, acompanha a história da humanidade galgando grande importância na produção de conhecimento sobre o mundo. Entretanto, é na modernidade que ela ganha um novo estatuto ligado à experiência urbana: a primazia da imagem a partir da observação da cidade. O *flaneur*, aquele que apreende o movimento da cidade, tornou-se um marco para pensar o modo de vida urbano, ligando o homem moderno ao cenário citadino, dando ênfase ao movimento e à observação, como podemos testemunhar nos trabalhos de Charles Baudelaire (1996), Edgar Allan Poe (2008), João do Rio (2012), Walter Benjamin (1991) e tanto outros autores que se dedicaram ao estudo do ato de flunar¹.

Se por um lado poderíamos dizer que tais experiências estariam centradas na percepção visual do movimento citadino, ela não se faz em silêncio. Ela mobiliza todos os sentidos: o barulho das passadas e das carruagens, o cheiro do ambiente, a textura dos objetos, a sensação climática, o paladar e os afetos suscitados, como bem descreve Allan Poe (2008) em seu conto de 1840, “O homem da multidão”. Essa visibilidade do movimento urbano oferecido ao olhar pela miríade perceptível que se encontra na superfície do visível produzem imagens a partir e sobre a cidade, que por sua vez, remetem a um modo de olhar culturalmente modelado, circunscrito sócio, cultural, histórico e

especialmente delimitados, constituindo uma produção de visualidades e de gramáticas visuais a respeito do cidadão (CAMPOS; BRIGHENTI; SPINELLI, 2011).

Vale ressaltar que os primeiros usos da imagem na pesquisa antropológica remetem ao século XIX, com a utilização da fotografia, do desenho e de registros audiovisuais como documentação e preservação das práticas culturais de povos sem escrita que pudessem desaparecer com o tempo: registravam-se costumes, danças, rituais, atividades técnicas e expressões de um povo. Neste contexto, as imagens eram utilizadas como meras ilustrações do real, como instrumentos de captação das nuances de um povo.

O interesse crescente pelos usos da imagem nos estudos acadêmicos em Ciências Sociais nos traz discussões também sobre os diversos modos de ver, refletir e pensar as sociedades complexas. Koury (1999) nos fala que são os pesquisadores da Escola de Chicago que se utilizam das imagens como instrumento de análise sistemática (em formas de registros pessoais, como as fotografias) para a compreensão das populações estudadas. Já no Brasil, o interesse sistemático para os usos e potencialidades das imagens adquiriram uma relação interdisciplinar a partir dos anos 1970 e 1980, consolidando os estudos da imagem – como objeto e/ou instrumento – a partir dos anos 1990. É na Antropologia mais do que em outras ciências que a imagem ajudou a ampliar o olhar do pesquisador, expandindo tanto as observações a respeito de uma determinada sociedade como o próprio lugar da imagem na produção do conhecimento.

É no advento da pós-modernidade que a produção etnográfica sobre a cidade tem permitido novos investimentos etnográficos, privilegiando a produção das imagens, dispondo “da experiência de interlocução do processo de pesquisa de campo na forma narrativa de imagens” (ROCHA; ECKERT, 2015, p. 31). Neste sentido, o fazer etnográfico repousado na imagem reconfiguram as experiências do vivido, do espaço social, das memórias na ambiência urbana.

Ainda nos estudos sobre as cidades, as chamadas etnografias urbanas (NASCIMENTO, 2016) ou etnografias de rua (ROCHA; ECKERT, 2003) apontam para um modo específico de se fazer pesquisa, utilizando-se de um suporte teórico-metodológico particular para pensar o espaço e a experiência urbana, desenvolvida por meio de um conjunto de métodos, técnicas e estratégias de acesso aos saberes locais (ROCHA; ECKERT, 2003). Esta forma de fazer pesquisa constitui-se em um modo de coleta, produção e análise de dados que se dão de “perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), através da interação entre as experiências vividas – relatadas/observadas/sentidas – em campo de pesquisa junto aos interlocutores e os modelos teóricos pertinentes à temática

abordada, na tentativa de compreender as dinâmicas sociais a partir de lógicas produzidas pelas pessoas que vivem e fazem a cidade.

Assim, as imagens tornam-se protagonistas, comunicando estilos, acentuando conflitos, constituindo memórias, estetizando o cotidiano. As imagens se colocam então como meio, método e produto para acessar saberes localizados, específicos, múltiplos e circunstanciais sobre a cidade. As imagens aparecem nos estudos antropológicos sobre a cidade, forjados por experimentações, por meio de sensibilidades, colaborações e partilhas, propondo novas questões e problemas relacionados ao registro e aos processos da imagem como produção cultural e social. Atualmente, podemos verificar um crescimento significativo de produções antropológicas urbanas cujo objeto de reflexão vincula-se a presença de imagens (podemos citar AZEVEDO, 2014; BARBOSA, 2012; BRUNO; SAIMAN, 2006; CAMPOS, 2012; CORADINI, 2000; KUSCHNIR, 2016; MEIRINHO, 2016; ROCHA; ECKERT, 2015; PAVAN; CORADINI, 2018; RAMOS, 2010; VIEIRA, 2012 etc.), sob os mais variados suportes (iconografia, fotografia, cinema e vídeo, desenho, quadrinhos, colagens etc.) tanto como instrumento quanto como tema ou produto de pesquisa. Há muito já se despertara a necessidade de um debruçamento teórico-metodológico sobre o uso da linguagem imagética na análise das questões sociais, pois, como aponta Clarice Peixoto, esta linguagem traz “grande expressividade e força metafórica” (2019, p. 03) na reflexão sobre diferentes modos de vida, práticas, cotidianos, manifestações culturais, modos de fazer política, imaginários e representações sociais, condensando e tornando a percepção desses fenômenos mais sensíveis.

Este reconhecimento provocou intensas discussões sobre o cruzamento entre as Ciências Sociais e a linguagem visual, apontando para a necessidade de se pensar bases teóricas e epistemológicas próprias, incorporando novos temas, objetos e estratégias no campo de conhecimento antropológico. Não restam dúvidas de que as imagens trazem ao terreno da pesquisa etnográfica revelações fundamentais sobre as sociedades e suas formas de pensamento. Sua relação com a Antropologia constitui um campo fértil para se pensar modos de olhar e de se produzir mundos específicos, levando em conta as mediações, os contextos e as estratégias narrativas que incitem sua compreensão. As imagens reproduzem os aspectos visíveis, imitando sem querer ser idênticas ao que representam (NOVAES, 2008). As imagens propiciam assim, engajamentos que provocam e evocam, como diria Étienne Saiman: “a imagem nos provoca a pensar, nos convoca a pensar” (SAIMAN, 2012, p. 21).

As imagens, portanto, provocam e convocam o(a) leitor(a) a pensar através delas. Jogam com as experiências, com a imaginação, com as vivências e memórias de quem as criam, construindo uma consciência da experiência de ver e compreender o mundo. O desafio neste caso é envolver o(a) leitor(a) neste processo vivo de pensamento sobre as coisas, com o intuito de causar um agenciamento de produção de sensibilidades que envolvam o ato de olhar e de “se tornar parte daquilo que se vê” (CARNEIRO, 2011, p. 12). A imagem, ao realizar esse jogo, é viajante, desperta e promove ideias, “nos coloca em relação com ela” (SAIMAN, 2012 p. 24), seja quem a cria ou quem a visualiza.

Todas as imagens, sejam elas advindas de diversos suportes (papel, tela de computador, papel fotográfico, muros, postes etc.) e realizadas de diversas formas expressivas (desenhada, fotografada, pintada, sequenciada, ilustrada, filmada), possuem operações sensoriais, cognitivas e afetivas, levando-nos a outras dimensões mais complexas, como a associação de outras imagens, outras ideias, outras memórias e outros tempos.

A antropologia que estuda as imagens se forja então nessa reflexão, produzindo um tipo de conhecimento com, sobre e a partir de imagens, analisando possibilidades de práticas e suas representações na relação com a realidade social (PEIXOTO, 2019). Incorporar as imagens no investimento antropológico não se trata apenas de uma questão de método, mas de questões epistemológicas, pois como bem mencionaram Barbosa e Cunha (2006), “não se trata, portanto, de um novo meio para simplesmente produzir dados de pesquisa ou de estabelecer contatos e vínculos no campo, mas de propor, a partir da inclusão da imagem, novas questões e novos problemas” (p. 30). Para tal torna-se um desafio no campo das investigações em antropologia visual e antropologia urbana contemplar os acervos imagéticos da/na cidade numa perspectiva interdisciplinar, alinhando os conhecimentos da tradição antropológica com novas e inventivas práticas de investigação científica.

*

O presente dossiê tem como objetivo fazer circular a reflexão sobre o papel das imagens para pensar a cidade, a experiência urbana e a construção da prática etnográfica sob diversos contextos, escalas e localizações. Os trabalhos reunidos neste dossiê, *Antropologia e Imagens: Produções visuais na cidade*, totalizam seis produções acadêmicas, sendo dois ensaios visuais e quatro artigos, fruto de pesquisas vinculadas a diferentes instituições

e grupos de pesquisa nacionais, nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, todas elas universidades públicas federais: três situados na região nordeste, dois no sul e um no sudeste do país. Ainda que tal número de trabalhos e alcance da Revista Equatorial no cenário brasileiro não possa apresentar uma representatividade das produções visuais em antropologia, tais dados nos oferecem pistas de como vem sendo tratado o tema no âmbito nacional, o modo de difusão, expansão e espraiamento por diferentes centros de pesquisas. Reflexo da rápida expansão dos grupos de antropologia visual e antropologia urbana, que se deve, em especial, às discussões e incentivos postulados pelos grupos de trabalho nas associações de representações das Ciências Sociais, como a ABA e ANPOCS (ROCHA; ECKERT, 2018; PEIXOTO, 2019), a ampliação e interiorização das instituições públicas de pesquisa e ensino superior, assim como a inserção de antropólogos visuais treinados com essa formação em centros espalhados no território nacional.

As produções acadêmicas que compõe o dossiê versam acerca de diferentes contextos citadinos, espaços, relações, práticas e grupos sociais. Como lócus de observação encontramos ruas, muros, becos, avenidas, mercados públicos, centros históricos e comerciais de cidades brasileiras do nordeste, sudeste e sul, além do contexto internacional, na Colômbia. Em especial, observamos o interesse no desenho e na fotografia com aporte teórico metodológico de coleta, análise e produção antropológica e as relações produzidas por meio do *graffiti* e do *pixo* como objeto de investigação. Apesar de tal predominância podemos perceber nesses trabalhos diversificadas formas de se fazer pesquisa etnográfica sobre e com cidade-imagem.

Colocando seus desenhos em exposição, Alice Dote abre caminhos para que o(a) leitor(a)/expectador(a) possa compreender o seu fazer etnográfico nas ruas do centro de Fortaleza/CE, fazendo a máxima do traço como “um gesto de observação que segue o que esteja acontecendo” (INGOLD, 2015, p. 322). Assim, ao deslocar dos passos, das coisas vistas à mão que rabisca, a autora desassossega-se e desconfia do olhar, produzindo deslocamentos teórico-metodológicos através das imagens. Em **Desenhando um ensaio visual: o Centro de Fortaleza/CE em imagens traçadas no papel**, título de seu ensaio visual, a autora nos contempla com imagens que aliam a caminhada, observação, escrita e imagética, ampliando assim o debate entre antropologia urbana, visual e grafias por meio da feitura dos desenhos, não só feitos de observação, mas de memória e movimento.

Seguindo o traçado do desenho, temos o artigo de Tanize Machado Garcia e Daniele Borges Bezerra, intitulado **Uso do desenho como ferramenta de percepção e transmissão: Construção social do Mercado público de Pelotas (RS)**. As autoras

utilizam as contribuições do desenho para refletir a respeito dos usos e negociações dos espaços do mercado por diferentes atores sociais. Desta forma, os desenhos produzidos do Mercado Público de Pelotas trouxeram percepções analíticas a respeito dos conflitos entre o poder público e os grupos frequentadores do mercado. Por meio dos traços, linhas e cores, as autoras tornaram visíveis as tensões existentes nestes conflitos, assim como emergiram percepções vividas, expressando realidades e movimentos em/do campo.

Também com o tema da intersecção entre desenho e mercado público, temos o artigo de João Martinho de Mendonça e João Vitor Velame, intitulado **Usos do desenho na feira livre: experimentações (etno)gráficas no mercado público de Rio Tinto (PB, Brasil)**, onde apresentam uma narrativa etnográfica construída a partir do desenho (em suas diferentes técnicas) como recurso metodológico, experimental e criativo sobre uma feira livre na cidade de Rio Tinto (PB). Neste artigo, os autores relatam os desafios dos usos do desenho no campo e as suas potencialidades, trazendo o método de "desenho-elicitação" ao compartilhar os desenhos com os feirantes, produzindo uma relação dialógica entre pesquisador e interlocutores.

Já o artigo de Jeferson Carvalho da Silva, **Cidade política, cidade poética: inscrição e cotidiano na cidade de Viçosa (MG)**, ao trabalhar as categorias de "inscrição" e "circulação" da antropóloga Teresa Caldeira (2012), as fotografias e os desenhos do autor surgem como práticas-poéticas etnográficas, evidenciando um olhar específico sobre a cidade e seu cotidiano, assim como as ocupações e produções de espaços da cidade. A profusão imagética da cidade é mostrada ao(a) leitor(a) por meio de fotografias que abordam os mais diversos movimentos, fluxos e códigos visuais que fazem da cidade suporte de expressões diversificadas. Já os desenhos nos convidam a acompanhar os deslocamentos dos habitantes da cidade, revelando em seus corpos linguagens políticas de controle e construção.

A categoria política também é abordada no ensaio visual **Minas que pixam: imagens da pixação dissidente em Natal-RN**, de Natália Firmino Amarante, no qual podemos observar a prática de manifestação política de mulheres pixadoras e grafiteiras nos muros da cidade de Natal/RN. As fotografias deste ensaio trazem as práticas do pixo destas mulheres, no qual concebem os muros das cidades como um espaço político legítimo para expressarem suas vozes e presenças, fazendo de suas grafias uma marca na busca de reconhecimento na cidade e no espaço majoritariamente masculino que é a prática do pixo.

Dando continuidade ao traçado político das práticas urbanas, temos em seguida o artigo de Natalia Pérez Torres, **A imagem-graffiti: olhares sobre o conflito armado colombiano**. A autora nos apresenta e discute o conceito de “imagem-graffiti” a partir das obras de um artista urbano local frente ao conflito armado na Colômbia, indagando o estatuto das imagens na guerra. Nesta discussão, imagem aparece como artefato que nos faz pensar não só o seu próprio estatuto a partir das relações locais, mas como um produto político-estético de transformação social.

Podemos observar que nesses trabalhos a imagem é abordada tanto como método como recurso de observação, registro, dispositivo de aproximação, intervenção e meio de análise, revelando uma maneira de observar a cidade e seus atores sociais, problematizando questões relacionadas ao processo de produção de conhecimento por meio da combinação entre teoria e metodologia, aliando o pensar e a empiria, colocando os suportes imagéticos como parte constitutiva do fazer etnográfico.

Sobre sua estrutura, organizamos este dossiê diferentemente de uma apresentação tradicional de periódico, que normalmente apresenta primeiro os manuscritos de artigos e finaliza com as seções de ensaios visuais, resenhas e entrevistas. Ao mesclar ensaios e artigos, destacamos as experimentações das grafias na composição e problematização da Antropologia (BRUNO, 2018). Assim, pretendemos conduzir o(a) leitor(a) a um processo de abertura e deslocamento do olhar, num estímulo de percepções e sensações, convidando-o(a) a explorar as informações visuais da imagem e da escrita em suas potencialidades intuitivas e imaginativas.

Esperamos que este dossiê possa contribuir para a utilização da imagem como prática antropológica, no qual as imagens endossem a mesma autoridade do texto escrito, rompendo com as abordagens que a utilizam como ilustração, atribuindo-lhe um significado de conteúdo antropológico (BITTENCOURT, 1994; PEIXOTO, 2019). Desta maneira, o presente dossiê compilou estudos que versam acerca de produções que apostam em novas grafias e suas reflexões no campo das experiências visuais, artísticas e antropológicas, a partir de discussões sobre essas práticas, seus processos, limites, potencialidades e contribuições à antropologia urbana e à cultura visual.

São produções que apontam não só realidades, práticas e relações específicas dos sujeitos investigados e determinadas cidades, mas discussões no plano do local e global, nos convidando a refletir sobre políticas públicas, imaginários e representações acerca da cidade, a estética e o estatuto da arte, violência, conflitos e memória, o fazer pesquisa e as bases teóricas que dele surgem. Trabalhos estes que tecem realidades específicas com um

universo mais amplo, mobilizando percepções e concepções sobre o urbano e os possíveis estatutos das imagens para a antropologia, a partir de articulações entre narrativas etnográficas em prol de um investimento ético-estético-político na pesquisa antropológica.

Com isso, queremos agradecer a todos os pesquisadores e colaboradores que ajudaram a contribuir com a produção de pareceres de avaliação. Agradecemos também a professora Ângela Mercedes Facundo Navia (PPGAS/UFRN) pela oportunidade de realização deste dossiê, a professora Lisabete Coradini (PPGAS/UFRN/NAVIS) pelo incentivo concebido na formulação desta proposta, a toda equipe editorial, em especial a Ana Maria do Nascimento Moura e Ioanna Augusta Costa da Silva pela assessoria e disponibilidade prestada e a Emanuel Souza, por ter agraciado nossos olhares com os desenhos que ilustram a capa deste Dossiê.

Desejamos uma boa leitura!

Notas:

1. Edgar Allan Poe em seu conto “o homem das multidões”, descreve como os homens se deslocam no meio urbano, destacando não só o seu ato de olhar sobre o deambular dos cidadãos, como também o papel do olhar dos transeuntes em seu caminhar. Benjamin (1991) destaca que na sociedade moderna o conhecimento sobre o modo de vida urbano é uma necessidade e tem seu valor de status social, atribuindo ao que seria anteriormente considerado uma desocupação, um reconhecimento de atividade de produção de conhecimento, principalmente, sobre as classes mais baixas. Já Goffman, segundo Ingold (2015), ao descrever o andar, destaca a importância dos olhos como guia na cidade, colocando o andar como uma experiência visual.

Referências

ALLAN POE, Edgar [1809-1849]. O homem da multidão. In: *Histórias extraordinárias*/Edgar Allan Poe; seleção; apresentação e tradução José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 258-43.

AZEVEDO, Aina. Desenhos na África do Sul: desenhar para ver, para dizer e para sentir. *Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, 5 (13): 221-226. 2014.

BARBOSA, Andrea. Pimentas nos olhos não é frescor: Fotografia, espaço e memória na experiência vivida por jovens de um bairro “periférico” de Guarulhos, São Paulo. *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cadernosaa/659>>. Acesso em 22 jun 2020.

BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro da. *Antropologia e Imagem*. 1. ed. RJ: Jorge Zahar Ed., 2006.

BAUDELAIRE, Charles [1821-1867]. *Sobre a modernidade o pintor da vida moderna*. Coleção Leitura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 165-196. v. 1.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hermerson Alves Batista. 2º edição. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras escolhidas, v.3).

BITTENCOURT, Luciana. *Fotografia enquanto instrumento etnográfico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. pp. 225-41. (Anuário Antropológico, 92).

BRUNO, Fabiana; SAIMAN, Etienne. Imagens de velhice, imagens da infância: formas que se pensam. *Cad. Cedex*, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 21-38, jan./abr. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 10 jun 2020.

BRUNO, Fabiana. Imagens, palavras e montagens: a potência da experimentação das grafias no fazer antropológico. In: *31ª Reunião Brasileira de Antropologia*. (SP06 – Grafias da Imagem na Antropologia em Ação). 2018. Brasília. Disponível em: https://www.31rba.abant.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=553. Acesso em 20 jun 2020.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. “Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo”. Tradução de Claudio Alves Marcondes. *Novos Estudos – CEBRAP*, n.94, 2012. pp. 31-67.

CAMPOS, Ricardo. Paredes comunicantes. Foto-ensaio sobre espaço público e comunicação ilegal. *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], v. 1, n. 1, 2012. Disponível em <http://journals.openedition.org/cadernosaa/746>. Acesso em 10 jun 2020.

CAMPOS, Ricardo. *Introdução à cultura visual. Abordagens e metodologias em Ciências Sociais*. Lisboa, Ed. Mundos Sociais, 2013.

CAMPOS, Ricardo; BRIGHENTI, Andrea Mubi; SPINELLI, Luciano. Introdução: um olhar sobre as imagens urbanas. In: *Uma cidade de Imagens. Produção e consumo visual em meio urbano*. CAMPOS, BRIGHENTI; SPINELLI (Org.), Lisboa: Ed. Mundos Sociais, 2011.

CARNEIRO, Teresa. *Desenhar o olhar sobre o mundo*. Diários gráficos em Almada. 2011. [pdf].

CORADINI, Lisabete. *Memorias del futuro: imagenes y discursos de la ciudad latinoamericana*. Tese (Doutorado)- Universidade Nacional Autônoma, México, 2000.

DO RIO, João [1881-1921]. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2012.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A Imagem nas Ciências Sociais: um balanço crítico. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 47, 1. semestre de 1999, pp. 49-63.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. *Cadernos de Arte e Antropologia*. v. 5, n. 2, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2002, v.17, n.49, pp.11-29.

MEIRINHO, Daniel. *Olhares em Foco*. Fotografia participativa e empoderamento juvenil. Ed.LabCom.IFP. Universidade da Beira Interior. Covilha, Portugal. 2016.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 19, p. [10], 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/pontourbe.3316>

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 455-475, outubro de 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 de jun de 2020.

PAVAN, Maria Angela; CORADINI, Lisabete. No tabuleiro com as coletoras de frutas (mangabas): como construir um documentário com a extensão do tempo. In: *Narrativas, memórias e itinerários*. Lisabete Coradini, Maria Angela Pavan (Orgs.). Campina Grande: EDUEPB, 2018. pp:259-279.

PEIXOTO, Clarice. Antropologia & Imagens: O que há de particular na Antropologia Visual Brasileira? *Cadernos de Arte e Antropologia*, Salvador, v. 8, n. 1, 2019. pp. 131-146.

RAMOS, Manuel João. *Histórias Etíopes, diário de viagem*. Edições Tinta da china, Ltda. Lisboa, 2010.

RIAL, Carmem Silvia. Por uma Antropologia do Visual Contemporâneo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 119-128, jul./set. 1995.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *Rua*, v. 9, n. 1, p. 101-127, 2003.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia. *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. Brasília: ABA, 2015.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia. Projetos, desafios e consolidação de uma linha de pesquisa no Brasil: antropologia audiovisual. In: Mariano Báez Landa e Gabriel

O. Alvarez. (Org.). *Olhar In(com)formado: Teorias e práticas da Antropologia Visual: Uma mirada in(con) formada*. Teorías y prácticas de la Antropología Visual. v. 1, pp. 25-101. Goiânia: UFG, CAPES, 2018.

SAIMAN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. In: SAIMAN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

VIEIRA, Marina Cavalcanti. *Visões da modernidade nas histórias em quadrinhos: Gotham e Metrópolis em finais de 1930*. 2012. 143 fl. (Dissertação). Mestrado em Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.